


Novembro 2017

# **OS NEGROS NO MERCADO DE TRABALHO DA REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO**



**Diferenciais de  
inserção de negros  
e não negros  
no mercado de  
trabalho em 2016**

**Dia Nacional da Consciência Negra**

## Desemprego

### **Taxa de desemprego dos negros eleva-se de 14,9% para 19,4%**

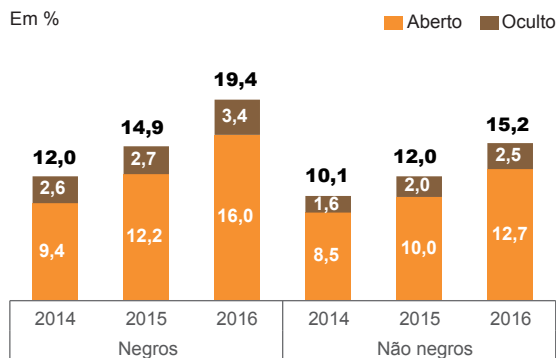
Em 2016, os negros<sup>1</sup> representavam 38,4% da População em Idade Ativa – PIA<sup>2</sup> e 39,5% da População Economicamente Ativa – PEA,<sup>3</sup> na Região Metropolitana de São Paulo.

Nos últimos dois anos, a crise econômica fez com que as taxas de desemprego se elevassem em todos os grupos sociais e, no recorte raça/cor, esse movimento foi mais intenso para os negros do que para os não negros (Gráfico 1).

Na passagem de 2015 para 2016, a taxa de desemprego total dos negros aumentou de 14,9% para 19,4%, enquanto a dos não negros avançou de 12,0% para 15,2%. Ou seja, a diferença entre negros e não negros, que era de 2,9 pontos percentuais, em 2015, aumentou para 4,2 p.p., em 2016. Essa diferença já foi de 1,9 p.p., em 2014, início da crise.

**Gráfico 1**

Taxas de desemprego, por raça/cor, segundo tipo Região Metropolitana de São Paulo – 2014-2016



Fonte: Secretaria de Planejamento e Gestão. Convênio Seade–Dieese e Ministério do Trabalho/FAT.

Nota: A taxa de desemprego total é composta pela soma das taxas de desemprego aberto e oculto.

1. O segmento de negros é composto por pretos e pardos e o de não negros, por brancos e amarelos.
2. População em Idade Ativa – PIA é a parcela da população com 10 anos de idade ou mais.
3. População Economicamente Ativa – PEA é a parcela da PIA que está ocupada ou desempregada.

Destaca-se, ainda, que a taxa de desemprego das mulheres negras (de 16,3%, em 2015, aumentou para 20,9%, em 2016) continua sendo superior à dos homens negros (de 13,7% cresceu para 18,0%, no mesmo período).

## Ocupação

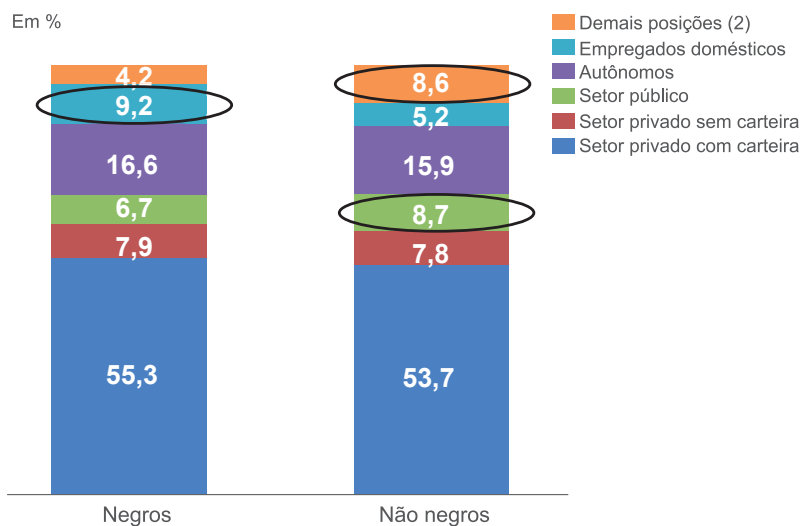
### *Diminui para 38,3% proporção de negros no total de ocupados*

O número total de ocupados na Região Metropolitana de São Paulo diminuiu em 2016 (-4,0%). O fechamento de postos de trabalho afetou mais a população negra, pois sua proporção no contingente de ocupados decresceu. Em 2016, 38,3% do total de ocupados eram negros, ao passo que em 2015 essa proporção era de 40,0%.

Quando se observam os ocupados segundo sua posição na ocupação (Gráfico 2), destaca-se a maior inserção de empregados domésticos entre os negros e a menor representatividade, entre eles, no setor público e no agregado demais posições ocupacionais (empregadores, profissionais universitários

**Gráfico 2**

Distribuição dos ocupados (1), por raça/cor, segundo posição na ocupação  
Região Metropolitana de São Paulo – 2016



**Fonte:** Secretaria de Planejamento e Gestão. Convênio Seade–Dieese e Ministério do Trabalho/FAT.

(1) Incluem os assalariados que não sabem a qual setor pertencem.

(2) Incluem empregadores, profissionais universitários autônomos, donos de negócio familiar, etc.

autônomos, donos de negócio familiar, etc.). Estas são condições históricas que pouco variaram ao longo da crise em curso.

Em relação aos ocupados nos principais setores de atividade econômica, chama a atenção, assim como na estrutura da economia paulista, a crescente participação nos Serviços, principalmente nos últimos anos. Em 2016, esse setor chegou a ocupar 58,0% dos negros e 60,5% dos não negros. Outras diferenças de inserção ainda permanecem entre os dois segmentos, como a maior importância da Construção entre os negros (8,6%), em relação aos não negros (5,5%), e a menor participação na Indústria (14,5% e 15,2%, respectivamente). Essas discrepâncias, bem como aquelas encontradas por posição na ocupação, são importantes para ajudar a entender o desequilíbrio entre os rendimentos dos dois segmentos, como será visto adiante.

## **Rendimentos do trabalho**

### ***Ocupados negros têm rendimentos equivalentes a 67,8% dos não negros***





O prolongamento da crise, em conjunção com a inflação, em 2016, são os principais fatores que explicam a redução dos rendimentos do trabalho pelo segundo ano seguido. O rendimento médio real por hora da população negra ocupada diminuiu de R\$ 9,59, em 2015, para R\$ 9,10, em 2016 (-5,1%), enquanto para os não negros, passou de R\$ 14,17 para R\$ 13,41 (-5,3%).

Assim, os negros receberam, em média, 67,8% do rendimento dos não negros, em 2016, como resultado das diferentes formas de inserção ocupacional dessas duas populações. Em outras palavras, ocorre maior inserção dos negros em segmentos onde tradicionalmente os rendimentos são mais baixos (Construção, trabalho autônomo e doméstico) e menor incorporação em outros, que costumam pagar salários mais altos (Indústria, alguns ramos dos Serviços, setor público e o agregado que reúne empresários e profissionais universitários autônomos, entre outros).

Ao se analisar essas diferenças de rendimentos desagregadas por sexo, as discrepâncias ficam ainda mais evidentes. Entretanto, como os rendimentos diminuíram de forma generalizada também no recorte por sexo, com intensidades semelhantes entre os grupos, a distância entre eles pouco se alterou (Gráfico 3).

## Rendimento médio real (1) dos ocupados negros e não negros nos principais setores de atividade, em 2016

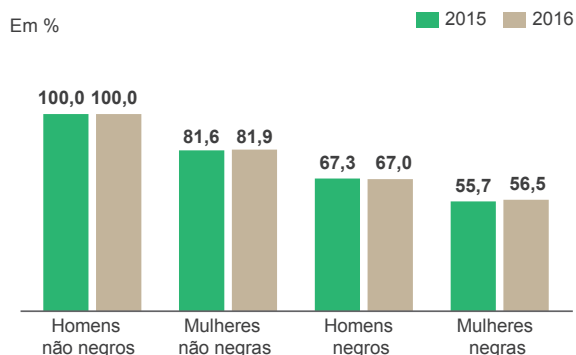
Em reais de julho/2017

Principais setores de atividade	Negros	Não negros
 INDÚSTRIA	1.779	2.454
 CONSTRUÇÃO	1.703	2.240
 COMÉRCIO	1.431	1.874
 SERVIÇOS	1.588	2.393

(1) Inflator utilizado: ICV do Dieese

### Gráfico 3

Proporção dos rendimentos médios reais por hora (1) dos ocupados (2), por raça/cor e sexo, em relação aos rendimentos médios reais por hora dos homens não negros Região Metropolitana de São Paulo – 2015-2016



**Fonte:** Secretaria de Planejamento e Gestão. Convênio Seade-Dieese e Ministério do Trabalho/FAT.

(1) Inflator utilizado: ICV do Dieese.

(2) Excluídos os assalariados e os empregados domésticos mensalistas que não tiveram remuneração no mês, os trabalhadores familiares sem remuneração salarial e os empregados que receberam exclusivamente em espécie ou benefício.

## Ocupados com ensino superior

### *Quanto maior a escolaridade, maior é a diferença de rendimentos entre negros e não negros*

As análises de mercado de trabalho mostram que a criação de postos é o principal fator de indução do decréscimo da taxa de desemprego e dos diferenciais de raça/cor, além de tornar a disputa no mercado de trabalho um pouco menos acirrada.

Estudar, em qualquer contexto econômico, continua sendo um caminho importante para se alcançar um posto de trabalho de melhor qualidade e com maiores rendimentos, além de melhorar as chances nessa disputa.

No que diz respeito à população negra, as políticas públicas de acesso à educação, especialmente no ensino superior público, e as políticas de combate à discriminação racial foram importantes avanços na tentativa de redução das desigualdades entre negros e não negros. Algumas delas, no entanto, ainda persistem, sobretudo nos níveis mais altos de escolaridade.

Em 2016, o tempo médio de estudo dos ocupados com 25 anos e mais era de 10,2 anos, mas os negros registraram uma média menor (9,2 anos) do que a dos não negros (10,8 anos).<sup>4</sup> Essa diferença já foi maior e vem se reduzindo graças ao aumento do nível de escolaridade experimentado por toda população, mas principalmente pelos negros, cujo tempo médio de estudo aumentou em três anos, entre 2000 e 2016 (os não negros tiveram aumento de 1,7 ano, nesse período).

Considerando essas diferenças entre negros e não negros referentes ao tempo de estudo, bem como à inserção ocupacional, buscou-se observar especificamente a parcela de ocupados que haviam completado o ensino superior, para avaliar em que medida os diferenciais se apresentariam.

Do total de ocupados negros, apenas 10,6% completaram o ensino superior, enquanto o dos não negros eram mais que o dobro desse percentual: 25,6%.

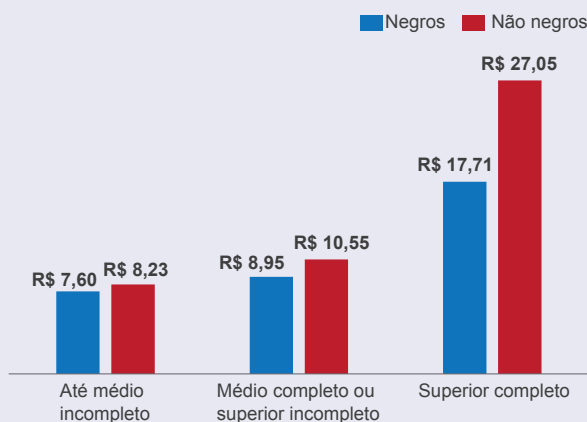
Obter níveis maiores de escolaridade propicia, também para os negros, melhores rendimentos, quando comparados aos próprios negros com níveis

4. As mulheres estudam mais tempo que os homens, embora para os negros essa diferença, em 2016, fosse um pouco menor (9,5 e 9,0 anos, respectivamente) do que entre os não negros (11,2 e 10,5 anos, respectivamente).

menores de escolaridade.<sup>5</sup> Entretanto, na comparação com os não negros com nível superior, são maiores os diferenciais de rendimentos (Gráfico 4). Os ocupados negros que não completaram o ensino médio ganhavam 92% do que recebiam os não negros com esse nível de ensino; porcentual que diminuiu para 85% entre aqueles com ensino médio completo; e para 65% entre os que possuíam ensino superior.

**Gráfico 4**

Rendimento médio real por hora (1), por nível de escolaridade, segundo raça/cor  
Região Metropolitana de São Paulo – 2016



Fonte: Secretaria de Planejamento e Gestão. Convênio Seade-Dieese e Ministério do Trabalho/FAT.  
(1) Inflator utilizado: ICV do Dieese. Em reais de julho de 2017.

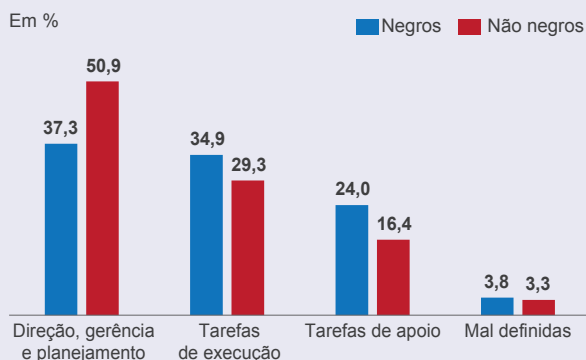
A diferença tão acentuada entre aqueles que completaram o ensino superior pode ser melhor entendida ao se observar o tipo de posto preponderantemente ocupado por um e outro segmento. Em 2016, enquanto 37,3% dos ocupados negros com ensino superior estavam no grupo de direção, gerência e planejamento, os não negros nesse mesmo grupo eram 50,9%. Já os negros nos grupos que desenvolviam tarefas de execução (34,9%) e apoio (24,0%) estavam em maior proporção que os não negros (29,3% e 16,4%, respectivamente).

5. Na RMSP, 19,8% do total de ocupados (negros e não negros) haviam concluído o ensino superior, em 2016, recebendo os maiores rendimentos médios (R\$ 4.173 mensais ou R\$ 25,03 por hora), em relação aos demais níveis de escolaridade.

Isso mostra que, a despeito do aumento do tempo médio de estudos entre os negros, ainda permanecem importantes diferenças, em relação aos não negros, nos níveis mais altos de escolaridade. Esse fato, associado à baixa presença de negros em cargos de chefia (e alta proporção nos de apoio), revelam dois obstáculos a serem enfrentados: o de alcançar o ensino superior e, mesmo quando isso acontece, o de progredir na carreira profissional. Tais fatores impactam negativamente nos rendimentos do trabalho e nas desigualdades socioeconômicas.

### Gráfico 5

Distribuição dos ocupados com ensino superior completo, por grupos de ocupação, segundo raça/cor Região Metropolitana de São Paulo – 2016



Fonte: Secretaria de Planejamento e Gestão. Convênio Seade–Dieese e Ministério do Trabalho/FAT.



**GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO**  
Secretaria de Planejamento e Gestão

**SEADE**

Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados  
Av. Prof. Lineu Prestes, 913 Cidade Universitária  
05508-000 São Paulo SP Fone (11) 3324.7200

[www.seade.gov.br](http://www.seade.gov.br) / [sicseade@seade.gov.br](mailto:sicseade@seade.gov.br) / [ouvidoria@seade.gov.br](mailto:ouvidoria@seade.gov.br)

**DIEESE**

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS

Rua Aurora, 957 3º andar República  
01209-001 São Paulo SP Fone (11) 3821.2140  
[www.dieese.org.br](http://www.dieese.org.br) / [en@dieese.org.br](mailto:en@dieese.org.br)

**Apoio:** Ministério do Trabalho. Fundo de Amparo ao Trabalhador – FAT.  
Secretaria do Emprego e Relações do Trabalho – Sert.